



321 m<sup>2</sup>  
trabalhos de uma colecção particular

- Álvaro Lapa
- António Palolo
- António de Sousa
- Cristina Mateus
- Fernando Brito
- Fernando José Pereira
- Joaquim Bravo
- Miguel Leal
- Miguel Soares
- Paulo Mendes
- Pedro Cabral Santo
- Pedro Sousa Vieira
- Rui Serra
- Xana

Rui Serra, série Os Novos Profetas, 1996

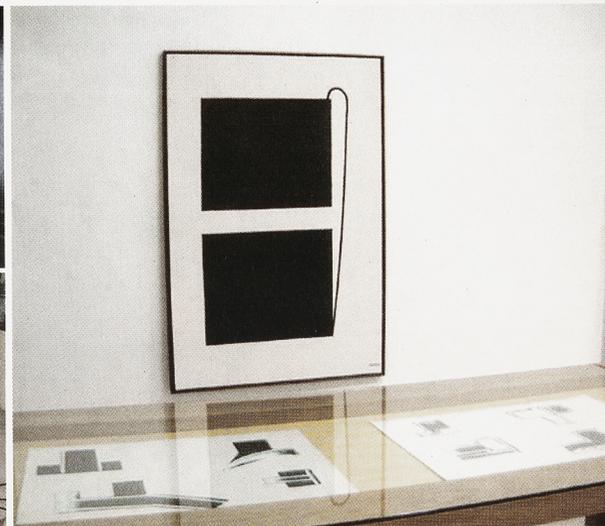


“Sempre fez parte da minha maneira de ser nunca deitar nada fora.” Ivo Martins, 48 anos, é o detentor do a exposição “321 m<sup>2</sup> — Trabalhos de uma Colecção Particular”. Segue-se um raro retrato falado de



Cristina Mateus, Esta É a Minha Imagem, 1995

Paulo Mendes, O Coleccionador Português e a Arte da Masturbação, 1997



Joaquim Bravo, série M. Est Mort, 1987

OSCAR BARBA

Administrador do Hospital de Valongo, diretor artístico do Guimarães Jaccar e responsável pelo programa “Baile dos Bombros”, que, há 14 anos, é emitido na Rádio Universitária do Minho, o colecionador Ivo Martins juntou já cerca de 140 trabalhos, a grande maioria realizados por artistas portugueses que ganharam visibilidade durante a década de 90. Um esforço reconhecido pelo Museu de Arte Contemporânea de Serralves, onde se encontra depositado o seu acervo. A paixão de colecionar não se limita a obras de arte: Ivo Martins tem outras preciosidades, como as colecções completas dos livros da & Etc. e dos discos da ECM.

Pode situar-se o início da sua actividade de colecionador no tempo em que dirige a Galeria A5, em Santo Tirso?

Já antes tinha comprado alguns trabalhos. Vários factores contribuíram para que as coisas se desenvolvessem. A Galeria A5 permitiu-me

aumentar o nível de conhecimentos e as relações no circuito artístico. Nessa época, como trabalhava num hospital privado, tinha uma situação económica mais desafiada.

Os artistas então mostrados na galeria pareciam constituir o núcleo fundador da colecção...

Foi através da galeria que conheci o primeiro núcleo de artistas com o qual trabalhei. A partir daí, comecei a abrir a colecção a outros nomes. De relação em relação, cheguei ao grupo que está representado na exposição — que não é único, pois tenho mais trabalhos de outras pessoas. Quem são esses artistas que estão na base do seu interesse em coleccionar obras de arte?

Um dos nomes iniciais foi o de Fernanda Maio, através de quem conheci o António de Sousa, que, por seu lado, me deu acesso à Cristina Mateus e ao Miguel Leal. A partir daí, conheci o Paulo Mendes, o Pedro Cabral Santo e, mais recentemente, o Miguel Soares e o Fernando

José Pereira. Na colecção existe também um núcleo construído a partir da relação com o Hugo Lapa e a antiga Galeria EMI que inclui o Bravo, o Xana, o Álvaro Lapa. Tive igualmente a noção de que, dadas as minhas limitações económicas, interessava fixar-me em poucos artistas mais do que dispersar-me por vários.

Nesse primeiro instante, um núcleo de nomes anteriores aos anos 90 coexiste com um outro claramente formado por artistas então em início de carreira. Entretanto, a A5 fecha. Esta situação vai provocar alguma alteração na sua forma de actuar enquanto colecionador?

Não. Tentar manter o nível de aquisições de forma a ampliar regularmente o acervo. Vivo sempre na fronteira entre a possibilidade de uma compra e as minhas limitações económicas. Estabelece os negócios com os artistas de forma directa... e permanente. Vou vendendo as exposições e muitas

vezes ainda estou a pagar peças e já estou a comprar outras. Se não fosse assim, teria sido impossível ter reunido este núcleo em quinze anos de aquisições.

A colecção não se limita aos meios tradicionais, a pintura e a escultura, abre-se noutras direcções, como o vídeo ou a fotografia...

A dada altura, percebi que a situação ia alterar-se. Nunca comprei peças para ter nas paredes da minha casa, mas sim pelo prazer de as adquirir e até considerando uma certa margem de risco que envolvia a compra de certas obras. Sempre tive uma perspectiva a minha acção num sentido quase museológico, mais institucional e menos pessoal e doméstico.

A colecção acabou por ser depositada no Museu de Arte Contemporânea de Serralves...

As pessoas foram impecáveis como desde o tempo do Fernando Peres e do Miguel Pérez até ao presente, com o Vicente Todoli e o João Fernandes. Perceberam

a colecção e sempre me abriram as portas para a depositar no museu, uma vez que não tenho condições de a ter em casa.

Quais são as vantagens de ter uma colecção depositada num museu? Primeiro, tem-se direito aos seguros e à manutenção das obras. Depois, há a possibilidade de as peças circulem no âmbito institucional, o que, a mim, me permite promover os trabalhos, e, aos artistas, afirmarem-se. E, ao aceitar as peças, Serralves está, implicitamente, a validar as minhas escolhas.

A colecção vai ficar para sempre em Serralves? Não sei. Neste momento, Serralves cumpre um papel que é dificilmente substituível. No futuro, poderão existir novas condições noutros sítios. Gostaria imenso de descentralizar a colecção, no que Serralves tem hoje um peso institucional para o qual eventualmente as minhas peças significam pouco. Era mais interessante, mantendo Serralves neste processo, criar formas de vi-

sibilidade e de incentivo com o objetivo de um maior número de pessoas ter acesso à colecção. A dada altura, Todoli dizia-me que a colecção tinha a vantagem de ser feita por uma pessoa normal, que não é o protótipo do colecionador — um homem rico, burguês... Aqui, há uma certa desmistificação da figura do colecionador, o que também me agrada.

A exposição corresponde a uma escolha, ela não representa a colecção na sua totalidade...

Sim. Uma colecção pode ser lida de muitas maneiras. Esta é a primeira vez que é feita uma abordagem de alguns dos trabalhos. Há muitas obras que poderiam ser mostradas de maneira diferente. Há outras que nem são apresentadas. O colecionador também deve introduzir, no âmbito da colecção, novas peças, de forma a criar rupturas ou apontar novas direcções. Uma colecção é um ser vivo que está em permanente actividade, que se multiplica ou reduz; tem de haver um processo de mexi-

espólio a partir do qual foi organizada um colecionador de arte português.

## “Uma colecção é um ser vivo”

da permanente para que ela se torne atracente; se não é algo congelado, referencial, histórico e terminado.

Quais são as ausências da mostra? Há artistas que estão substancialmente reduzidos em proporção ao número de peças incluídas na colecção — como o Pedro Sousa Vieira, de quem possuo cerca de trinta peças. E há artistas que não estão, de facto, representados, como Rui Chafes, Ana Jotta, João Jacinto, Pedro Casqueiro e Giletan.

Muitos dos artistas que acompanharam nos anos 90 trabalham agora com outras galerias. Que tipo de relação se estabelece nestes casos?

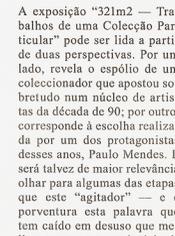
As coisas dependem da forma como os artistas são ou não categorizados em relação à galeria. O artista tem de fazer uma opção. Tem de pensar se vai utilizar exclusivamente a galeria como forma de projecção, ou se vai continuar a manter uma relação com quem trabalhou durante uma a sua obra.

Põe a hipótese de fazer compras através das galerias pelas quais os artistas são representados? Não sei. Depende. Uma coisa é uma pessoa comprar obras sempre através de uma galeria, de um galerista ou de um intermediário. Outra, é uma pessoa estar muitos anos a adquirir directamente trabalhos de um criador. Tenho de pensar que, tal como um galerista, sou um interventor. Logo, tenho de ter um lugar que não corresponde ao do eventual comprador de arte. Vai ter de haver um ajuste de relações; qual será, não sei.

Das suas colecções, que disco, obra de arte e livro levaria para uma ilha deserta? “Kind of Blue”, de Miles Davis; “M. Est Mort”, de Bravo; e “Morte a Crédito”, de Céline.

Quais eram as obras que gostaria de ter? Há cinco artistas portugueses que admiro. De dois, tenho obras (Bravo e Lapa); de três, não (Rodrigo, Da Costa e Ângelo de Sousa).

## A prova dos 90



Fernando Brito, Sem Título, 1991

“321m<sup>2</sup> — Trabalhos de uma Colecção Particular” pode ser lida a partir de duas perspectivas. Por um lado, revela o espólio de um colecionador que apostou sobretudo num núcleo de artistas da década de 90; por outro, corresponde à escolha realizada por um dos protagonistas desses anos, Paulo Mendes. E será talvez de maior relevância olhar para algumas das etapas que este “agitador” — e é porventura esta palavra que tem caído em destuo que melhor assenta no comissário da mostra — tem realizado no contexto artístico português, confundindo muitos dos seus mais activos protagonistas.

Paulo Mendes tem criado progressivamente as condições para a afirmação de uma série de nomes da jovem arte portuguesa. A sua acção é inegável, bastando dizer que nos últimos anos não só realizou exposições individuais, como comissariou uma série de projectos e mostras em Oeiras, Coimbra, Lisboa e Porto, sendo os últimos episódios “Plano XXI” (Glasgow, 2000) e a próxima Bienal da Maia (com inauguração prevista para 25 de Maio). Estamos perante uma espécie de máquina de realizar operações estéticas, sendo apenas discutível a sua inclusão nos projectos da sua autoria (mas aqui o receio de perder o comboio da história parece sobrepor-se a um maior rigor expositivo).



321m<sup>2</sup> — Trabalhos de uma Colecção Particular

mostra comissariada por Paulo Mendes com obras de Álvaro Lapa, António Palolo, António de Sousa, Cristina Mateus, Fernando Brito, Fernando José Pereira, Joaquim Bravo, Miguel Leal, Miguel Soares, Paulo Mendes, Pedro Cabral Santo, Pedro Sousa Vieira, Rui Serra e Xana COLMERA Círculo de Artes Plásticas Rua Castro Matoso, 18 Parque de Santa Cruz/Jardim da Serenia De 3<sup>a</sup> a sáb., das 14h às 19h Até 12 de Abril

O que se observa nos eventos organizados por Paulo Mendes é uma vontade de afirmar uma arte que crie movimentos de ruptura com o academismo, seja ele qual for. As antenas com que vai varrendo o meio artístico — sendo muito concorde o seu arquivo pessoal, que documenta exaustivamente a década de 90 — permitem-lhe sublinhar algumas das linhas mais produtivas da arte portuguesa actual. Talvez não seja exagerado afirmar que o trabalho realizado pelo artista/curador constitui um dos mais notáveis exemplos em termos de consolidação de um contexto extremamente frágil.

A exposição patente em Coimbra é mais uma confirmação do trabalho de Paulo Mendes. Ali, nas escolhas efectuadas, são evidentes as virtudes e os defeitos (mais aquelas do que estas) da sua acção. Se, por um lado, a colecção de Ivo Martins não se limita aos nomes apresentados, por outro, a escolha do comissário não podia ser outra. E é sempre produtivo observar que um acervo tão rico em termos qualitativos foi reunido por um particular. Os núcleos de obras dedicados a Fernando Brito, Cristina Mateus, Miguel Leal, Pedro Sousa Vieira, António de Sousa, Fernando José Pereira, Pedro Cabral Santo, Rui Serra e Miguel Soares provam que, afinal, os anos 90 existiram. O.F.